

FOTOJORNALISMO E VIOLÊNCIA: FILTROS NOTICIOSOS, TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO E LINGUAGEM DA REPRESENTAÇÃO DA DOR NA IMPRENSA

Gabriela Sanches de Lima¹

¹Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: sanchesdelima@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa realiza uma análise das técnicas composicionais de construção de sentido das imagens trágicas publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Primeira Página* durante seis meses de 2014. O trabalho fundamenta-se nos estudos semióticos de Umberto Eco e nas reflexões de Patrick Charadeu sobre os processos de midiatização que os fatos sociais passam, dentre eles, a Violência, principal objeto de estudo. O nosso objetivo é verificar como são articuladas as repetições e as translações de significado na composição fotojornalística da dor a partir de sua estrutura narrativa, ou seja, de sua forma de organização codificada.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Semiótica. Violência.

INTRODUÇÃO

“A consciência do sofrimento”, para a autora do livro *Diante da dor dos outros*, Susan Sontag (2003, p. 21), “é algo construído”. Tal construção se baseia, entre outros aspectos, nas imagens trágicas, transmitidas através das diversas práticas midiáticas, entre elas, o fotojornalismo, que por tempos se preocupou em mostrar aos leitores os horrores da violência humana, seja em guerras ou em fatos da vida cotidiana. Iremos analisar essas imagens sob a perspectiva dos efeitos de sentido que as técnicas de composição engendram para entrever quais foram as significações da violência urdidas nesses jornais, bem como quais foram os filtros ideológicos e profissionais que ditaram as escolhas das fotografias publicadas.

OBJETIVOS

Busca-se, neste trabalho: (1) Quantificar a aparição de imagens referentes a tragédias; (2) Estudar os processos de semantização da fotografia na narrativa noticiosa sob a ótica das técnicas de composição comumente utilizadas; (3) Isolar e mapear os procedimentos estéticos e composicionais padrões nas fotografias; (4) Estabelecer categorias de análise que explicitem os filtros utilizados na seleção das imagens de violência; (5) Quantificar essas categorias e analisá-las a partir da metodologia da Retórica da Imagem; (6) Verificar se essas imagens são acompanhadas de textos (legendas, principalmente) e quais são os efeitos de sentido articulados na imagem por esses textos.

METODOLOGIA

Para a análise dos resultados das imagens, Umberto Eco (2007) propõe a sua decomposição em cinco níveis: o *nível icônico* (plano da denotação, que inclui os dados concretos da imagem e dos elementos gráficos do objeto de referência), o *nível iconográfico* (plano da conotação, dos elementos cujos sentidos só são dados pelo cruzamento com os significados convencionais decorrentes de um aprendizado cultural), o *nível tropológico* (composto pelas figuras de retórica tradicionais aplicadas à representação visual), o *nível tópico* (marca dos lugares argumentativos e das premissas que se articulam na imagem) e o *nível entimemático* (posto pelas conclusões desencadeadas pela argumentação posta no nível anterior).

RESULTADOS PARCIAIS OU FINAIS

Com esta pesquisa, pudemos compreender que se há elementos e signos visuais dentro de uma matéria textual, ele não é apenas um apêndice do texto ou um signo meramente ilustrativo. De acordo com a semiótica de Umberto Eco (1976) notamos que se há signo há intenção para levar a construção de sentido desejada. Muitas vezes, ao analisar profundamente as fotografias coletadas, entendemos qual o sentido objetivo e completo do fato noticioso anelando o texto à imagem. Isto nos auxiliou na visão e no estudo minucioso de cada fato e de cada foto para entender o sentido.

CONCLUSÕES E/OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o processo de estudo, coleta e análise do material e da pesquisa feita serviram para comprovar o que Sontag (2003) disse acerca da exposição demasiada de fotografias que retratam a dor, no geral. Elas, as fotografias, já não chocam e não prendem a atenção como outrora, pois elas sofrem um processo chamado de naturalização feito pela mídia na audiência. A exposição constante do público à dor faz com que ele seja anestesiado e não sinta mais o choque, a curiosidade e o impacto proposto pela mídia. A morte pode até ser considerada como banalizada nos meios de comunicação atualmente. Este processo foi muito presente ao decorrer da pesquisa, em que fomos expostos para a análise de diversas fotografias violentas e fortes, mas com o decorrer do tempo, estas fotografias não chocaram mais, pois isto se tornou natural para aqueles que se propuseram a analisar. Nos tornamos espectadores apáticos de tragédias.

REFERÊNCIAS

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2007.